



GT 14. Antropologia dos Povos Tradicionais Costeiros: Práticas Sociais, Territórios e Conflitos

Coordenador(es):

José Colaço Dias Neto (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Francisca de Souza Miller (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Sessão 1 - Gênero, Comunidades e Conflitos

Debatedor/a: Luceni Hellebrandt (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Sessão 2 - Conflitos, Processos e Resistências

Debatedor/a: Edna Ferreira Alencar (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Grupos sociais que vivem do extrativismo e da agricultura, entre outras activities – tais como pescadores artesanais e ribeirinhos em geral – foram ou são habitantes de regiões costeiras e historicamente têm sido impactados por diversos fenômenos. A expansão metropolitana, os desastres ambientais de grandes proporções, o turismo em pequena e larga escala, as formas de controle oficial em áreas de interesse ecológico, são alguns processos que vem reconfigurando o uso e a ocupação de territórios costeiros e ribeirinhos no Brasil. Este Grupo de Trabalho pretende reunir pesquisas empíricas em andamento e tem como um de seus objetivos o cruzamento de diversos olhares sobre estes fenômenos, em especial àqueles de caráter etnográfico, que evidenciem conflitos e tensões entre as populações “tradicionais” e os vários modelos de uso e ocupação destes territórios costeiros e ribeirinhos. Reflexões sobre o manejo de ecossistemas, as formas de organização política destas populações, suas estruturas econômicas, bem como os conflitos suscitados por diferentes processos e agentes sociais – sobretudo agências estatais, organizações não governamentais e empresas – são alguns dos aspectos que serão discutidos nesta activity.

O rio Doce e o rompimento da barragem de Fundão: ontologias, águas e mundos postos em cheque.

Autoria: Cassandra Moira Costa Moura (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Esta proposta se orienta em direção a uma antropologia-para-além-do-humano, justificada nos enredamentos dos seres outros que humanos que percorrem as muitas facetas que margeiam o rio Doce. Para além do caráter de revisão bibliográfica, esta possui um caráter etnográfico, validado por meio de um work de campo multisituado na então chamada revista ?Jornal A Sirene? e seus proponentes. Procurando mapear através do rio Doce e suas águas a multiplicidade de ?pluriversos? (BLASER & DE LA CADENA, 2018) e ?ontologias relacionais? (ESCOBAR, 2016) que um dia ocuparam e ocupam as margens do rio, visando investigar o rompimento da barragem de Fundão sob uma perspectiva de destruição de mundos (STENGERS, 2018), e do modo pelo qual esses mundos foram afetados após o rompimento da barragem e o derramamento de 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos que conseqüentemente ?mataram? o rio, tornando inviável os modos de vida de populações, ambientes, cidades e comunidades que dependiam dele. Esta proposta também se justifica numa tentativa de levar a sério pressupostos advindos do pensamento de autoras como Isabelle Stengers, e busca explicitar a existência e importância de outros mundos possíveis (STENGERS, 2018). A busca pelos muitos ?rios Doces? é uma busca pelos vários cosmos que o compõem. Levando a sério não só pressupostos que partem da antropologia e de sua formação teórico-metodológica tradicional, mas também, chamando aqueles que foram atingidos a testemunhar. Ouvindo o rio Doce de forma a compreender suas



multiplicidades, buscando as significações no Watu dos Krenak; nas políticas do dia-a-dia da água como forma de subsistência e de lazer da comunidade de Maria Ortiz (Colatina) e nos pescadores da Vila de Regência (Linhares). Apesar de todo o movimento de destruição da vida decorrente do rompimento da barragem de Fundão e dos crimes ambientais da Samarco e BHP Billiton, há também movimentos presentes de resistências, de alianças e de aparentamentos (HARAWAY, 2016), movimentos esses que resistem nas ruínas do mundo moderno. Os Krenak; a comunidade de Maria Ortiz; os pescadores da Vila de Regência; mais os trinta e cinco municípios de MG e os três municípios de ES afetados; de alguma forma são exemplos de ontologias relacionais continuadas das mais variadas formas, dentro e fora do cosmo moderno, de maneira cosmopolítica e múltipla. Por fim, a pesquisa se interessa pelo rio enquanto um formatador fundamental para a existência de diferentes coletivos (LATOUR, 1994) e emaranhamentos (KOHN, 2016) entre humanos e não-humanos ? que se traduzem tanto em comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas, quanto por espíritos, animais e ancestrais.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: